



RENATA STRINGUETA NISHIO

Diretora de Assuntos Corporativos da Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ)



indústria brasileira de árvores

O DESAFIO HUMANO DE UM SETOR EM PLENA EXPANSÃO

O setor de árvores cultivadas brasileiro está em plena expansão. Com uma das maiores carteiras privadas de investimento, o setor planeja aportar impressionantes R\$ 61,9 bilhões até 2028. Esse montante é dedicado à abertura de novas plantas, expansão das áreas de plantio, pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e projetos socioambientais.

Essa expansão acompanha a receita bruta do setor, que vem crescendo ano a ano e atingiu R\$ 244 bilhões em 2021, além de 536 mil empregos diretos gerados nos mais de mil municípios brasileiros onde atua.

Entre os investimentos que se destacam, está o Projeto Cerrado, da Suzano, que conta com investimento de R\$ 22,2 bilhões e deve entrar em operação em 2024. A fábrica em Ribas do Rio Pardo, no Mato Grosso do Sul, já experimenta um forte movimento de aquecimento da economia local. A

nova unidade terá capacidade para produzir 2,55 milhões de toneladas de celulose por ano. No pico de obras serão geradas 10 mil oportunidades, enquanto 3 mil novos postos de trabalho serão fixos após a conclusão.

No Paraná, em Ortigueira, a Klabin finalizou o projeto PUMA II, maior investimento da história da companhia e também do estado, em R\$ 12,9 bilhões. Com o início das operações, a empresa deve gerar 1,5 mil postos de trabalho diretos e indiretos. A unidade elevará a capacidade de produção da Klabin para 4,7 milhões de toneladas de celulose e papel por ano. A MP28, segunda máquina instalada do projeto, foi projetada para desenvolver cartões para embalagens com ainda mais qualidade e resistência.

Já a Bracell anunciou R\$ 2,5 bilhões em abril deste ano para construir uma nova fábrica de papel tissue em Lençóis Paulista, São Paulo, onde a empresa já conta com uma unidade que pro-





duz celulose. Outros R\$ 2,5 bilhões estão sendo investidos em outra planta, voltada para processamento de insumos químicos utilizados no processo produtivo de celulose. A previsão é de que 550 postos permanentes de trabalho sejam gerados, enquanto outros 2 mil sejam abertos durante as obras.

Este é o segundo investimento bilionário da companhia na região. Recentemente, a Bracell aportou mais de R\$ 8 bilhões no projeto Star, dedicado à produção de celulose kraft e celulose solúvel.

A celulose solúvel, aliás, recebeu mais um alto investimento recentemente. A matéria-prima sustentável e biodegradável é utilizada para a produção de roupas, na indústria alimentícia, cosméticos e medicamentos. Joint venture entre a brasileira Dexo e a austríaca Lenzing, a LD Celulose inaugurou unidade no Triângulo Mineiro em 2023 e conta com capacidade de produção de 500 mil toneladas do insumo por ano. Com aporte de mais de R\$ 6 bilhões, a planta emprega cerca de 1,5 mil pessoas. Toda produção da unidade dos próximos 25 anos já foi comprada pela parte austríaca para abastecer o mercado têxtil, em que as fibras originárias de árvores já representam 6% da fatia global deste mercado.

Estes são apenas alguns exemplos de um setor que inaugura uma fábrica a cada um ano e meio no Brasil e já reflete a grande expansão pela qual a indústria de base florestal vem atravessando nas últimas décadas, em consonância com as novas demandas por uma economia mais verde. Fato que contribuiu para colocar o País no patamar de maior exportador de celulose do mundo, com 19,1 milhões de toneladas exportadas em 2022, seguido pelo Canadá, além de segundo maior produtor da matéria-prima, atrás apenas dos Estados Unidos.

É evidente que o setor vem se tornando um verdadeiro motor do desenvolvimento socioeconômico em todas as regiões onde atua. Também fica evidente, entretanto, que há um déficit de mão de obra especializada que atenda plenamente o setor, e que se expanda no mesmo ritmo com que a indústria o vem fazendo. Há que se considerar que este também é um problema de um país que ainda luta para consolidar uma educação de qualidade e expandir sua formação técnico-profissional, de forma a atender a indústria brasileira. Mas também há muito o que o setor pode fazer – e vem fazendo.

Em Ortigueira, onde a Klabin concluiu as obras do PUMA II, a empresa também tem apoiado a formação profissionalizante do município investindo diretamente na estrutura de formação técnica, por meio de compra de equipamentos e disponibilização de profissionais para conduzir aulas, além de estabelecer programa de estímulo para alunos de destaque.

Acompanhando seu gigantesco investimento na fábrica em Ribas do Rio Pardo, a Suzano tem realizado uma intensa série de cursos formativos para qualificação profissional na cidade. Os cursos têm sido desenvolvidos em parceria com o Sistema S, incluindo o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), que têm ampla expertise em formação de mão de obra técnica.

Essas são iniciativas louváveis e que trazem grande impacto positivo para as comunidades locais, assim como as empresas. Um verdadeiro ganha-ganha; mas ainda é preciso ir além. Se queremos chegar mais próximos de sanar o desafio da mão de obra para um setor em acelerada expansão, como é o de árvores cultivadas, precisamos estabelecer amplas parcerias, que envolvam governos estaduais e municipais, iniciativa privada, instituições educacionais. A colaboração é a palavra-chave para este desafio.

Uma iniciativa que vai nesta direção é a Rede de Excelência em Qualificação Florestal, iniciativa do governo do Mato Grosso do Sul que busca promover e articular iniciativas para o desenvolvimento do capital humano do setor de árvores cultivadas no estado. A Rede foi lançada recentemente e além da Reflore e da própria IBÁ, assinaram sua resolução uma série de representantes institucionais e técnicos do governo estadual e do Sistema S.

Em fase de estruturação, a Rede tem o objetivo de promover uma ampla colaboração para que enderece a questão da mão de obra para o setor florestal no estado, com vistas ao aumento da produtividade e da empregabilidade. A iniciativa também reflete a expansão ímpar que o setor tem passado no MS, com um salto de 600 mil para mais de 1 milhão de hectares de áreas de plantio em dez anos, especialmente sobre áreas já antropizadas ou com algum nível de degradação.

Como setor fundamental da economia sul-mato-grossense, há que se investir de forma coordenada e com uma visão de longo prazo no capital humano que sustentará seu crescimento. É esse espírito que a Rede de Excelência em Qualificação Florestal carrega e que devemos ter em mente na caminhada do setor em direção ao futuro.

O setor de árvores cultivadas carrega em si um alinhamento natural com a economia verde e com as demandas globais por produtos de origem renovável, sustentáveis, e que tenham capacidade de substituir aqueles de origem fóssil. Isso impulsiona a expansão do setor, que deve se tornar cada vez mais presente em um mundo que necessita descarbonizar sua economia.

Precisamos, portanto, olhar de forma estratégica e colaborativa para o capital humano que é a base dessa indústria, com vistas a solidificar a expansão de um setor que tem papel fundamental na mitigação da crise climática e no próprio futuro do planeta. ■

SOBRE A IBÁ – A Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ) é a associação responsável pela representação institucional da cadeia produtiva de árvores plantadas, do campo à indústria, junto a seus principais públicos de interesse. Saiba mais em: www.iba.org.br